



– As pessoas nunca sabem das coisas que realmente acontecem dentro de algumas casas. São segredos guardados a sete chaves.

Letícia pareceu confusa por alguns segundos e colocou a mão em um de meus ombros. Isso me assustou. Minha cabeça queria implodir. Algo em Letícia me contaminava com o perigoso veneno da paixão.

– Quer ir à praia com a gente hoje, Willie?

Eu queria dizer que sim. Quem não gosta de ir à praia com os colegas de escola? Mas havia algo mais forte, que tocava um tambor dentro de mim.

– Não gosto de ir à praia – menti.

Letícia ficou decepcionada. Tinha uma expressão de pena no rosto. Atrás dela estava o Gustavo. Puxou Letícia e, sem olhar para mim, disse:

– Anda, deixa ele aí.

É assim que o dia termina. Assim que o dia começa.



Alguém disse que antigamente as crianças de onze anos eram mais bobinhas. Não sei ao certo o que querem dizer com isso. Alguns colegas meus já namoram. Gustavo tem uma queda pela Letícia. Ouvi falar que os dois até se beijaram. Mas não quero acreditar nisso.

Meus professores parecem gostar de mim e puxam conversa comigo o tempo todo. Mas não gosto muito de conversar. Tem moleque que adora contar o que fez no final de semana. As meninas falam de jogos ou do passeio com o avô. Eu abro minha boca e de dentro saem apenas vazios. Vazios do som da TV que foi vendida na semana

passada, vazios do som oco do meu estômago quando tenho fome e o vazio de meu armário de brinquedos.

Onde foram parar meus brinquedos?



Um dia, o professor me perguntou como era meu quarto. Pela primeira vez, me senti animado para falar. Conteí que tenho uma baita cabana feita de lençol com um pôster do Rei Leão.

O professor sorriu e disse:

– Esse filme dos Estúdios Disney é baseado na peça de teatro *Hamlet*, de Shakespeare.

O professor continuou sua explicação cheia de vazios:

– Shakespeare adorava tragédias familiares. Um monarca enlouquece após ser traído por suas filhas em *Rei Lear*. Um príncipe dinamarquês tenta vingar a morte de seu pai, executado pelo próprio irmão, em *Hamlet*.

Levantei minha mão e disse:

– Desculpe, professor, mas todas essas histórias são tão...

Eu queria encontrar a palavra certa, mas ela não veio.

– São o quê, Willie? – indagou o professor.

Senti Gustavo estalar a língua de tédio atrás de mim. Olhei para Leticia e senti que ela estava prestando atenção. As palavras se transformaram em vazios, revoltaram-se dentro de mim e atiraram fogo em meu estômago.

Acabei vomitando.

Meus colegas riram de nervoso e gritaram de nojo. Assustado, o professor espalmou as mãos e disse:

– Calma, Willie. Isso às vezes acontece. Vou chamar alguém para ajudá-lo. Fique aqui!

O professor saiu correndo da sala e me deixou ali envergonhado diante de meus colegas e de todo o vazio que saía de dentro de mim.



Depois do episódio do vômito, pensei que Letícia nunca mais falaria comigo. Estava enganado. No final do dia, lá estava na frente da escola, linda como sempre, à espera de algo que ela própria desconhecia.

– O que você ia falar hoje de manhã sobre as histórias? O que estava tentando dizer ao professor?

– Nada de mais. Só queria dizer que esses dramas familiares do teatro, do cinema e da TV são muito falsos.

Letícia riu:

– Por que está dizendo isso?

Os vazios começaram a se irritar dentro de mim, mas eu os controlei.

– São histórias tristes sobre famílias que sofrem – expliquei.

– Sim. E o que é que tem?

– Não são nada realísticas. Se fossem, não ficaríamos sabendo de sua existência. As pessoas nunca sabem das coisas que realmente acontecem dentro de algumas casas. São segredos guardados a sete chaves.

Letícia pareceu confusa por alguns segundos e colocou a mão em um de meus ombros. Isso me assustou. Minha cabeça queria implodir. Algo em Letícia me contaminava com o perigoso veneno da paixão.

– Você quer ir à praia com a gente hoje, Willie?

Eu queria dizer que sim. Quem não gosta de ir à praia com os colegas de escola? Mas havia algo, algo mais forte, que tocava um tambor dentro de mim.

– Não gosto de ir à praia – menti.

Letícia ficou decepcionada. Tinha uma expressão de pena no rosto. Atrás dela estava o Gustavo. Puxou Letícia e, sem olhar para mim, disse:

– Anda, deixa ele aí.

É assim que o dia termina. Assim que o dia começa.



Mas teve um dia que começou um pouco diferente. O primeiro sinal da escola tocou e eu corri para não chegar atrasado à sala de aula. Tropecei em uma mochila e caí de cara no chão. Fiquei todo ralado.

Alguém estendeu a mão, mas eu recusei a ajuda. Não gosto de ser tocado.

Levantei-me sozinho. O moleque que havia tentado me ajudar ainda estava ali parado, me olhando com cara de bobo.

– O que você quer? – indaguei irritado.

– Te ajudar!

– Não preciso de ajuda.

O moleque tinha um boné virado para trás. Era ridículo! Nem sabia seu nome, mas parecia tentado a me seguir.

– Você também é aluno novo da escola? – me indagou.

– Sim. No sexto ano. E você?

O rosto do menino se alegrou por um instante:

– Eu também! Hoje é meu primeiro dia de aula e não conheço ninguém por aqui.

Dei uma risada interna. Primeiro dia de quantos dias? Para mim, todo dia era primeiro dia.

– Vai por mim – eu disse. – Você nunca conhecerá ninguém de verdade, não importa quantos dias se passem.

De repente, Gustavo apareceu por ali cercado de seus amigos idiotas:

– Olha só quem está aqui! É o bonitinho da rua!

O aluno novo quase fez cocô na calça de tanto medo. Estranhei:

– Você disse que não conhecia ninguém nesta escola.

O menino respondeu horrorizado:

– Pelo visto, estava enganado! Esse cara me odeia!

Quis perguntar o motivo, mas não foi necessário.

– Te falei para não chegar perto da Letícia!  
– esbravejou Gustavo.

– Eu não fiz isso, juro! – respondeu o aluno novo, acuado.



Gustavo apontou para Letícia, que chegava à escola naquele mesmo instante.

– Aquela menina se parece com alguém que você conhece?

– Desculpe! – gritou o aluno novo. – Eu nem sabia que ela estudava aqui.

Gustavo riu da resposta do menino:

– Você é doente da cabeça? Onde mais ela estudaria? Não importa! Vou te dar uma surra!

Eu bem que tentei intervir, mas não consegui. Gustavo deu um soco na cara do aluno novo e ele caiu no chão desmaiado. Letícia viu tudo e gritou por socorro. Logo, chegou um inspetor e levou Gustavo para a sala da Diretoria.



Dois dias depois, lá estava o aluno novo de volta à escola, dessa vez todo inchado e com um bairra curativo no rosto. Tomava suco com canudinho e gemia todas as vezes que alguém lhe dava tapinhas na região machucada.

– Por que Gustavo te atacou? – indaguei. –  
De onde vocês se conheciam?

O aluno novo explicou que eram vizinhos.

– Ele me viu conversar com a Letícia esses dias e ficou louco de ciúmes. Tive problemas parecidos em todos os lugares onde já morei.

Percebi que as meninas olhavam para o aluno novo e comentavam algo. Devia ser pelo fato de ele ser bonito. Senti uma pontada de inveja.

– Como você se chama? – indaguei incomodado ao perceber que Letícia também não tirava os olhos dele.

– Me chamo Eliú. É um nome hebraico. Significa “Ele é meu Deus” ou algo parecido.

– Você quer ir à praia com o pessoal no final da aula?

– Não sei – respondeu. – Você quer?

– Não... Não curto muito tirar a camisa.

– Também não.

Olhei Letícia de longe e, curioso, indaguei:

– Sabe dizer se a Letícia já beijou o Gustavo?

Eliú suspirou:

– Acho que não. Isso é uma mentira inventada pelo próprio Gustavo. Ela gosta mesmo é de mim.

A menina passava de um lado para outro, sempre de olho no aluno novo.

– E você gosta dela? – indaguei incomodado.

– Sim, muito.

– Pois não deveria – eu disse. – O amor não existe. O que existe é o interesse. Ela gosta de você porque as meninas te acham bonito. Ser bonito é uma maldição. Você é apenas um prêmio para ela.

O menino ficou sem palavras. Dei continuidade a meu raciocínio:

– Letícia é um problema sério! Vou me afastar dela de vez. Você deveria fazer o mesmo. Esse tal de Gustavo é violento. Você não quer acabar num necrotério, né? Além do mais, somos muito novos para namorar.

Eliú acabou concordando comigo. Respirei aliviado.



Todos os dias, Eliú aparecia na escola com os olhos inchados de tanto sono. Às vezes, passava a aula toda dormindo.

– O que está acontecendo com você? – indaguei.

– Eu não consigo dormir nunca – respondeu o rapaz. – Minha casa é assombrada.

– Como assim? – eu ri.

– Tenho pesadelos. Sonho todas as noites que há um anjo mau no meu quarto.

– Anjo mau? – estranhei. – Como um anjo poderia ser mau?

– Não sei explicar muito bem. É como se ele me protegesse enquanto me faz mal.

– Você já contou isso para sua mãe?

– Minha mãe tem dois empregos, Willie. Ela não tem tempo para esse tipo de bobagem. Depois que meu pai morreu, tivemos que nos mudar para este bairro e tudo ficou muito complicado.

– Você fica sozinho em casa?

– Sim, todos os dias.